

**CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS E OCUPACIONAIS DO
ESTUDANTE-TRABALHADOR DE ENFERMAGEM
E O RISCO DE ACIDENTES DE TRABALHO**

*Demographical and occupational characteristics of the student-worker of
nursing and the risk of accidents at work*

ALVES, Everton Fernando¹

RESUMO

Os estudantes-trabalhadores da enfermagem estão expostos a inúmeros acidentes de trabalho devido à dupla jornada, trabalho e estudo, que afeta o estilo de vida e o estado biopsicoemocional. Objetivou-se neste estudo realizar uma discussão de caráter introdutório sobre a análise de algumas características demográficas e ocupacionais de estudantes-trabalhadores de enfermagem e suas relações com o risco de acidentes de trabalho. Realizou-se um estudo exploratório, descritivo e com abordagem quantitativa de dados. Fizeram parte da amostra 88 estudantes-trabalhadores do curso de enfermagem regularmente matriculados do 1º ao 4º ano. Observou-se que a maioria dos entrevistados eram mulheres (65,9%), com idades acima de 25 anos (55,6%), casados (34,0%), a maior parte residia junto de familiares (85,2%); 27,3% viviam em outras cidades e precisavam se deslocar para estudar; a maioria (52,2%) trabalhava mais de 40 horas/semana e a maior parte na área de enfermagem (51,1%). Quanto aos hábitos alimentares, boa parte dos estudantes-trabalhadores (27,3%) apresentou um padrão inadequado (apenas a ingestão de "verduras e frutas", e destes, 68,1% dormiam de 4 a 7 horas por dia, tempo de descanso insuficiente. Conclui-se que os professores devem ficar atentos aos sinais que o estudante demonstra durante os períodos que deve cumprir (plantões noturnos, estágios supervisionados, aulas teóricas). Há necessidade de investimento por parte dos órgãos formadores e da educação continuada das instituições de saúde no sentido de ter um olhar atento para os riscos ocupacionais em que o estudante-trabalhador de enfermagem está exposto durante a formação de enfermeiro.

Palavras-chave: Estudante; Trabalhador; Enfermagem.

ABSTRACT

The nursing student-workers are exposed to numerous accidents due to work double shifts, work and study, which affects the lifestyle and the state bio-psycho-emotional. The objective of this study is to identify some occupational characteristics of the worker-students enrolled in a nursing course of a private college in southern Brazil. Was conducted an exploratory, descriptive and quantitative approach data. The sample consisted of 88 student-workers enrolled nursing course from 1st to 4th year. It was observed that most were women (65.9%) aged above 25 years (55.6%), married (34.0%), working more than 40 hours/week (52.2%), mostly in nursing (51.1%) and of these, 68.1% sleep 4-7 hours, considered insufficient. It is concluded that teachers should pay attention to signs that the student demonstrates during the periods that must meet (night shifts, supervised internships, lectures). There is need for investment by forming organs and continuing education of health institutions in the sense that a closer look at the occupational risks in the nursing student-worker is exposed during the training of nurses.

Keywords: Student; Worker; Nursing.

¹ Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) / Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: evertonando@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O cenário educacional brasileiro tem se modificado ao longo dos anos. O número de matriculados nas instituições de nível superior no Brasil atingiu, em 2008, aproximadamente 5 milhões e 808 mil alunos. No total, são 1.936.078 alunos a mais que em 2007, ou seja, um aumento de 8,5% (BRASIL, 2008).

O setor privado ainda mantém uma tendência crescente na maioria dessas matrículas: 74,9% dos alunos estão em cursos particulares, ao passo que em 1998 tal porcentagem era de 64%. As novas diretrizes passaram a permitir que os cenários de “educação” e “trabalho” se aproximassem tanto, que o aluno poderá se formar já bastante voltado para a sua necessidade de trabalho (DIMENSTEIN, 1999; BRASIL, 2008).

Cada vez mais os olhares têm se voltado para a individualidade do estudante. Sabe-se que todo processo educacional, para se tornar efetivo, deve considerar as características do aluno para que, então, esse conhecimento auxilie na elaboração e aplicação de novas estratégias de ensino-aprendizagem (MAGALHÃES; CARZINO, 2002). Estudos têm mostrado, também, as diferenças do perfil de estudantes de escolas de enfermagem públicas e privadas, sendo que, nesta última, a maioria trabalha para sua manutenção ou da sua família, ingressando com idades cada vez mais avançadas (HORTA; BONILHA; RIBEIRO, 1988; NAKAMAE, 1992; NAKAMAE *et al.*, 1997).

Esse perfil de aluno é chamado de “estudante-trabalhador”. Segundo o Estatuto do Trabalhador Estudante de Portugal, é definido como sendo “todo o trabalhador por conta de outrem, independentemente do vínculo laboral, ao serviço de uma entidade pública ou privada e que frequente qualquer nível de ensino oficial ou equivalente” ou “[...] os estudantes que sejam trabalhadores por conta própria” (PORTUGAL, 1997). No Brasil, não há nenhuma referência semelhante nos órgãos oficiais ou outras fontes de dados.

Haag (2004) aponta que grande número desses estudantes-trabalhadores já trabalha na área de enfermagem. Os alunos têm de enfrentar as exigências de ser um trabalhador da enfermagem, além das incumbências próprias ao estudante universitário. Todo esse contexto tem se configurado em um cenário, no mínimo, estressante, ao qual se incorpora um grande desgaste físico e emocional.

Os estudantes-trabalhadores têm as dificuldades potencializadas pela dupla jornada que enfrentam, o que interfere no rendimento acadêmico e os expõe também a alguns riscos ocupacionais como, por exemplo, os de acidentes de percurso. Dessa forma, o número de acidentes e doenças ocupacionais vem aumentando devido a fatores como excesso de carga horária de trabalho, estresse, uso incorreto da biossegurança, estado emocional abalado e ambiente de trabalho insalubre (LIMA *et al.*, 2008; SHIMIZU; RIBEIRO, 2002).

Observou-se ainda a ausência muito grande de publicações nacionais, havendo nisso a demonstração da necessidade de pesquisas nessa área. Assim, na falta de bibliografia específica, buscou-se, neste estudo, realizar

uma discussão de caráter introdutório sobre a análise de algumas características demográficas e ocupacionais de estudantes-trabalhadores de enfermagem e suas relações com o risco de acidentes de trabalho.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo com delineamento descritivo, com abordagem quantitativa. O estudo foi realizado com os estudantes de enfermagem de uma faculdade privada do sul do Brasil que estavam cursando desde o 1º até o 4º ano do curso durante a coleta de dados que ocorreu no dia 04/05/2006.

De um total de 192 alunos, foi obtida uma amostra de 88 estudantes (47%), visto que estes se encaixavam na população intencional do estudo: ser estudante e trabalhador. A escolha da instituição teve como critério a facilidade de acesso e da coleta de dados entre os estudantes. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário autoaplicado, contendo questões estruturadas relacionadas às seguintes variáveis: idade, sexo, estado civil, relação-moradia, local de residência, profissão, carga horária de trabalho, hábitos alimentares e horas de sono. A coleta de dados foi realizada pelo próprio autor da pesquisa.

Os procedimentos para a coleta de dados incluíram: liberação da pesquisa a ser realizada, assinada pelo diretor acadêmico da faculdade privada, visto que no dado período ainda não havia sido formado um Comitê de Ética em Pesquisa próprio; contato com docentes solicitando autorização e agendamento para aplicar o instrumento em sala de aula, apresentação da proposta aos alunos presentes no momento da coleta, com rápida explanação sobre os objetivos do estudo, o método de coleta de dados, a importância da colaboração e questões éticas envolvidas (adesão voluntária, sigilo, anonimato e contribuição do estudo). Neste momento foi apresentada e solicitada a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido aos participantes.

O desenvolvimento do estudo ocorreu em conformidade com o preconizado pela Resolução 196/96 do CNS. Para a análise dos dados foram utilizadas técnicas de estatística descritiva. Os dados foram processados manualmente em planilha eletrônica e os cálculos estatísticos foram feitos no *software* Excel e organizados e apresentados, posteriormente, em forma de tabelas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Faixa etária, Sexo e Estado civil

A faixa etária dos respondentes, que varia de 17 a 53 anos, mostra que a maioria tem idade acima de 25 anos (55,7%), caracterizando-a como de grande proporção e foge dos padrões do ensino público de nível superior. Encontram-se dados semelhantes na pesquisa de Magalhães e Carzino (2002) feita em Curitiba, em que, dos estudantes-trabalhadores, 57,8% perfizeram com mais de 25 anos. Essa parece ser uma característica das faculdades privadas, como mostram os achados de Nakamae *et al.* (1997) em Minas Gerais, em que 70,3% estavam acima da faixa de idade mais jovem, quando comparada às instituições públicas.

TABELA 1: Distribuição segundo variáveis sociodemográficas dos estudantes-trabalhadores matriculados no curso de enfermagem de uma faculdade privada do sul do Brasil

Variáveis	Nº	%
Faixa etária (anos)		
Menor que 20	9	10,2
20 - 24	30	34,1
25 - 29	18	20,5
30 - 34	15	17,0
Mais de 35	16	18,2
Total	88	100
Sexo		
Feminino	58	65,9
Masculino	30	34,1
Total	88	100
Estado civil		
Solteiro	52	59,1
Casado	30	34,1
Divorciado	3	3,4
Desquitado	3	3,4
Total	88	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

Em relação à variável sexo, o percentual de estudantes masculinos está acima do encontrado por Nakamae *et al.* (1997), que apontou uma proporção de 12,9%, dentre os alunos de enfermagem de escolas públicas e privadas em Minas Gerais. Também se percebe elevado quando comparado ao estudo de Magalhães e Carzino (2002), que encontraram um percentual de 15,8% de estudantes-trabalhadores de sexo masculino.

Segundo o estado civil dos estudantes, pode-se perceber que o percentual de casados e ex-casados é alto em relação aos dados encontrados por Horta, Bonilha e Ribeiro (1988) em instituições privadas (20%); e se mantém elevado quando comparado aos resultados de Magalhães e Carzino (2002), que evidenciaram 36,9% de estudantes casados na Universidade Tuiuti do Paraná, em Curitiba.

3.2. Relação-moradia e local de residência

No caso deste estudo, verificou-se maior número de estudantes-trabalhadores que residiam junto de familiares, 75 (85,2%), enquanto 13

(14,8%) moravam sozinhos. Acredita-se que os estudantes que residem com familiares tenham melhores condições de assistência e atenção no atendimento de suas necessidades. Já os que vivem sozinhos ou em moradias coletivas com outras pessoas, nas “repúblicas”, estão sujeitos a maiores agravos devido aos comportamentos de risco, pois são menos assistidos quanto à alimentação, aos hábitos de vida e ao gerenciamento de seus conflitos.

TABELA 2: Distribuição segundo a relação-moradia e o local de residência dos estudantes-trabalhadores matriculados no curso de enfermagem de uma faculdade privada do sul do Brasil

Variáveis	Nº	%
Relação-Moradia		
Sozinho	13	14,8
Família	75	85,2
Local de residência		
Maringá	64	72,7
Outras cidades	24	27,3
Total	88	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

No caso deste estudo, verificou-se maior número de estudantes-trabalhadores que residiam junto de familiares, 75 (85,2%), enquanto 13 (14,8%) moravam sozinhos. Acredita-se que os estudantes que residem com familiares tenham melhores condições de assistência e atenção no atendimento de suas necessidades. Já os que vivem sozinhos ou em moradias coletivas com outras pessoas, nas “repúblicas”, estão sujeitos a maiores agravos devido aos comportamentos de risco, pois são menos assistidos quanto à alimentação, aos hábitos de vida e ao gerenciamento de seus conflitos.

As vivências e interações que são estabelecidas com a família são importantes para a resolução de conflitos pessoais e profissionais e, por isso, não podem ser deixadas de lado. Toda a interação provoca, necessariamente, alguma mudança nos indivíduos envolvidos, no domínio dos conhecimentos, dos sentimentos ou dos comportamentos (RIBEIRO, 1990 *apud* FERREIRA, 2005).

Em relação ao local de residência, observa-se que 27,3% dos pesquisados vivem em cidades que compõem a região metropolitana de Maringá, e precisam se deslocar para estudar. Essa distribuição indica a grande demanda pelo curso na própria cidade e a forte inserção da faculdade na comunidade a que pertence, complementada pela rede intermunicipal de transporte que serve à região. Tais dados corroboram com os de Kawakame e Miyadahira (2005), os quais observaram que 35,6% dos estudantes de enfermagem procedem de outras cidades e viajam diariamente para estudar.

Porém, esse “ir e vir” expõe os alunos-trabalhadores a um risco ocupacional cada vez mais elevado: os acidentes de percurso.

No estudo de Santos *et al.* (2009) encontram-se dados interessantes sobre os acidentes de percurso com o estudante-trabalhador. Observou-se que 18,5% dos jovens já foram atropelados, indo ou voltando do trabalho, antes ou após as aulas. Esse evento constitui os acidentes *in itinere* ou acidentes de percurso que, segundo a legislação previdenciária, mais especificamente o art. 21 da Portaria 3.213/91 do Ministério do Trabalho, são equiparados a acidentes de trabalho por representar um “percurso habitual”; esse termo também é utilizado pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no art. 133, recebendo, muitas vezes, uma interpretação simplista como “de casa para o trabalho e do trabalho para casa” (BRASIL, 1991; MIRANDA, 2007).

Entretanto, se o trabalhador faz o mesmo percurso todos os dias – do trabalho para a faculdade –, deve-se considerar que este é o “destino final” ao pós-trabalho, tornando esse trajeto diário um “percurso habitual” e, portanto, o trabalhador se torna coberto pela legislação acidentária (MIRANDA, 2007). Todavia, o que não deve ser levado em consideração é um acidente ocorrido ao sair da faculdade, uma vez que esse percurso nada tem a ver com o trabalho, visto que o destino ao pós-trabalho já se cumpriu.

3.3. Profissão

TABELA 3: Distribuição segundo a profissão dos estudantes-trabalhadores matriculados no curso de enfermagem de uma faculdade privada do sul do Brasil

Profissão	Nº	%
Técnico de Enfermagem	10	11,3
Auxiliar de Enfermagem	35	39,8
Outros	43	48,9
Total	88	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

O trabalho está relacionado com o curso, onde 51,1% dos alunos-trabalhadores o fazem na área de enfermagem. Dados semelhantes são encontrados na pesquisa de Nunes *et al.* (2001), que apresenta, dentre os estudantes-trabalhadores de uma faculdade privada de uma cidade do interior do estado de São Paulo, 57,1% destes atuando na área de enfermagem. Em Magalhães e Carzino (2002), encontra-se um percentual ainda mais elevado (85,7%) de alunos e trabalhadores na enfermagem.

Isso se deve à expansão das faculdades de enfermagem e ao aumento de vagas para o ensino superior que vem permitindo que os já profissionais de enfermagem (auxiliares, técnicos e instrumentadores) possam ascender profissionalmente (MAGALHÃES; CARZINO, 2002). Ademais, o hospital é o local de trabalho da maioria dos estudantes-trabalhadores, o que sugere uma concentração da força de trabalho dos mesmos na área hospitalar, no município de Maringá e região metropolitana.

Um aspecto importante é o que os estudantes-trabalhadores da saúde que atuam em hospitais estão expostos a diversos acidentes de trabalho, principalmente àqueles causados durante o manejo com instrumentais perfurocortantes e materiais biológicos, acometendo os profissionais da área de saúde – como é o caso de toda equipe de enfermagem e estudantes –, uma vez que estão constantemente ligados ao risco ocupacional e aos fluidos biológicos potencialmente capazes de causar doenças infecto-contagiosas (SHIMIZU; RIBEIRO, 2002).

Outro ponto é que o estudo e o trabalho concomitantes não devem ser encarados como um aspecto negativo para o aprendizado. Por ter concluído o ensino profissionalizante, além do ensino médio exigido para que os jovens ingressem em uma faculdade, o estudante-trabalhador possui vantagens. Segundo Avancini (1999), parte-se do pressuposto de que quanto maior o tempo de escolaridade, maior a capacidade de uma pessoa usar habilidades complexas como, por exemplo, estabelecer associações, classificar categorias, abstrair.

3.4. Carga horária de trabalho

TABELA 4: Distribuição segundo a carga horária de trabalho dos estudantes-trabalhadores matriculados no curso de enfermagem de uma faculdade privada do sul do Brasil

Carga horária/trabalho (horas semanais)	Nº	%
Menor que 20	6	6,8
21 – 30	12	13,6
31 – 40	24	27,3
Maior que 40	46	52,3
Total	88	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

O elevado percentual de estudantes-trabalhadores (52,3%) que laboravam mais de 40 horas semanais provavelmente se deve ao fato destes possuírem mais de um emprego, enfrentando, muitas vezes, dupla ou até tripla jornada de trabalho. Dados aproximados (35,3%) foram obtidos entre os estudantes-trabalhadores do curso de enfermagem de duas universidades em Porto Alegre (HAAG, 2004).

Costa (2001) diz que os professores consideram esses alunos como “problemáticos”, pois eles vêm cansados para as aulas após jornada de trabalho em plantão noturno e outros saem apressados para o trabalho vespertino. Ademais, muitos alunos apresentam baixo rendimento em aulas teóricas, alegando não ter tempo e nem disposição para estudar, contudo, em aulas práticas e estágios, eles apresentam domínio das habilidades motoras e conhecimento prático devido à experiência de trabalho acumulada por tempo de serviço em instituições de saúde.

Entretanto, os elementos “atraso” e “pressa” para as aulas e para o trabalho, respectivamente, são percebidos como preocupantes, sendo motivos de desgaste psicoemocional ao estudante-trabalhador, além de um contributo

aos acidentes de percurso. No Brasil, ainda não há uma lei específica prevista na CLT que garanta um horário flexível para o estudante-trabalhador, exceto o caso em que o trabalhador seja menor de idade, conforme o disposto no artigo 427 da CLT.

A criação de uma legislação específica permitiria a melhoria das condições em que o estudante chega às aulas, de forma que ele possa melhorar sua concentração, desviar dos horários de pico do transporte urbano nas grandes metrópoles e, sobretudo, preservar sua integridade física durante o percurso.

3.5. Hábitos Alimentares

Quanto aos hábitos alimentares, a maioria dos estudantes-trabalhadores (27,3%) apresentou um padrão inadequado (apenas a ingestão de “verduras e frutas”), o qual deveria conter grande variedade de componentes essenciais para um bom equilíbrio nutricional (verduras, frutas, grãos e massa). Entretanto, o que se observa é a ingestão de alimentos com pouca variedade nutricional (14,8% ingerindo apenas “verduras e grãos” e/ou 10% de “verduras e massa”).

Em relação à frequência da alimentação, percebe-se que muitos estudos relatam preocupação com a forma que estudantes-trabalhadores de enfermagem se alimentam. Os dados sugerem que muitos estudantes realizam, em períodos irregulares, para economizar tempo, além do dinheiro com a alimentação (SOARES; CAMPOS, 2008). Isso possivelmente está relacionado às aulas, aos estágios e trabalhos acadêmicos, que requerem tempo dos estudantes, dentro e fora da faculdade, dificultando a alimentação em horários regulares e de forma saudável.

Em relação à frequência do almoço, observa-se que, quanto aos estudantes que não tinham prática alguma de almoçar ou aqueles que almoçavam apenas de uma a três vezes por semana, 23 se comportavam assim (26,2%). Dos que possuíam o hábito de lanche, percebe-se que 37 (42%) destes o faziam de uma a três vezes por semana e 26 (29,6%), de quatro a sete vezes. Ao serem somados, os números trazem um resultado preocupante sobre o hábito alimentar desses estudantes-trabalhadores.

A dessincronização do ritmo circadiano imposta pelas necessidades da rotina do estudante-trabalhador causa aumento nos níveis de grelina (hormônio da fome), em resposta à restrição de sono, que é uma adaptação normal do corpo para uma maior necessidade na ingestão calórica. É sabido que, com a inversão do ciclo vigília-sono, comum para os que trabalham na enfermagem, o indivíduo se alimenta durante a noite, provocando mudanças no ritmo da alimentação (MENDES *et al.*, 2008).

A realidade vivida por esses trabalhadores pode influenciar tanto na forma de preparo e consumo dos alimentos quanto nos hábitos alimentares destes, uma vez que o padrão alimentar não está dissociado de outros fatores, como a falta de apetite, o paladar dificultado ou modificado, o desejo de comer compulsivamente, os horários irregulares, a obesidade, especialmente quando se entende que o estado emocional e alguns distúrbios físicos podem desencadear mudanças nesses hábitos.

TABELA 5: Distribuição segundo os hábitos alimentares de estudantes-trabalhadores matriculados no curso de enfermagem de uma faculdade privada do sul do Brasil

Hábitos alimentares	N	%
Tipos de alimentos ingeridos		
Comer verduras e frutas	24	27,3
Comer verduras e massa	10	11,4
Comer apenas massa	5	5,7
Comer frutas e massa	3	3,4
Comer apenas grãos	6	6,8
Comer verduras e grãos	13	14,8
Comer massa e grãos	4	4,5
Ingesta equilibrada	23	26,1
Frequência de almoço/semana		
Nenhuma	5	5,7
Uma a três refeições	18	20,5
Quatro a sete refeições	62	70,4
Não responderam	3	3,4
Frequência de lanches/semana		
Nenhuma	4	4,5
Raramente	5	5,7
Uma a três vezes	37	42
Quatro a sete vezes	26	29,6
Maior que sete	4	4,5
Não responderam	12	13,7
Total	88	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

A alimentação e suas relações com as atividades laborais de estudantes-trabalhadores têm sido alvo de investigações. Em um estudo de Magalhães *et al.* (2007), 60% dos trabalhadores relataram que seu trabalho exige tanto esforço físico quanto mental. É de extrema importância que o estado nutricional destes indivíduos esteja adequado às suas funções laborais diárias, para que possam exercê-las com maior capacidade física e intelectual.

3.6. Horas de sono

O percentual de estudantes-trabalhadores que dormem menos de 8 horas por dia, a quantidade ideal, é de 73,9%. Uma proporção elevada que se traduz

em um sono insuficiente e de baixa qualidade. Para Haag (2004), os estudantes-trabalhadores se privam do sono em detrimento da vida social e do convívio familiar.

TABELA 6: Distribuição segundo as horas de sono dos estudantes-trabalhadores matriculados no curso de enfermagem de uma faculdade privada do sul do Brasil

Horas de sono	Nº	%
1 – 3 horas	5	5,7
4 – 7 horas	60	68,2
8 – 10 horas	19	21,6
Outros	4	4,5
Total	88	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2006.

O percentual de estudantes-trabalhadores que dormem menos de 8 horas por dia, a quantidade ideal, é de 73,9%. Uma proporção elevada que se traduz em um sono insuficiente e de baixa qualidade. Para Haag (2004), os estudantes-trabalhadores se privam do sono em detrimento da vida social e do convívio familiar.

O item “outros” diz respeito a um horário alternativo de sono apresentado pelo aluno que dorme em dias alternados devido ao sistema de turnos no trabalho. Esse estudante-trabalhador que não possui um horário específico para repouso geralmente tem seu ciclo circadiano arritmico.

Os indivíduos que trabalham no período noturno (esquema de plantões de 12 horas) dormem aproximadamente 5 horas/noite, durante a jornada. Nem sempre é possível dormir durante o trabalho ou depois do mesmo, tornando o sono do estudante-trabalhador menor do que o aluno que não trabalha. Nos dias úteis, normalmente os estudantes se deitam tarde e acordam cedo, causa provável do déficit de sono, que acumulado ao longo da semana causa uma sensação de persistência do cansaço ao acordar e falta de concentração durante as aulas (PIZÃO; MARTINO, 2005; IGLESIAS, 2002).

Arelado a isso, muitos estudantes-trabalhadores da enfermagem podem desenvolver reações fisiológicas de estresse crônico durante o curso, devido a um sono de má qualidade ao enfrentarem a demanda de trabalhos a ser concluída, a dupla jornada, a incerteza em relação ao mercado de trabalho e, sobretudo, por terem de lidar diariamente com os processos de dor, morte e sofrimento dentro do ambiente de trabalho (EUCLIDES *et al.*, 2010). Todos esses fatores contribuem para o desenvolvimento de um estresse ocupacional causador de diversos sintomas físicos e mentais, além de doenças ocupacionais mais graves, como o caso da Síndrome de Burnout (BARBOZA; BERESIN, 2007).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente aos resultados obtidos, acredita-se que o objetivo inicialmente proposto foi atingido. Os dados revelaram o panorama trabalho-estudo de estudantes de enfermagem de uma faculdade privada do sul do Brasil, como também a representatividade de uma grande parcela da população estudantil brasileira. Apesar de o estudo contemplar poucas variáveis, abre caminho para que outros estudos venham a corroborar com a grande relevância e magnitude do tema, especificamente no que diz respeito à abertura de discussão – a qual tem se mostrado frequente nos últimos anos –, e fundamental para ampliar o entendimento do impacto que os acidentes têm na sociedade.

Ao traçar o perfil da população em estudo, perceberam-se dificuldades enfrentadas por eles para se compatibilizar o trabalho e o estudo. Podem-se encontrar variáveis implícitas que sugerem dificuldades, como a insônia, os múltiplos empregos, a fadiga crônica, os problemas financeiros, o pouco tempo para o lazer, a pouca prática de atividades físicas, o consumo excessivo de estimulantes para suportarem a rotina (café e cigarro) e o estresse.

Os hábitos alimentares são outro ponto a ser destacado. O fato de esses estudantes-trabalhadores cumprirem dupla ou até tripla jornada de trabalho possibilita a ocorrência de distúrbios alimentares que os acometem tanto individualmente como socialmente, sendo relevante um estudo minucioso desse tema. Os resultados da pesquisa evidenciaram que é importante tanto o incentivo às ações educativas quanto à alimentação, dada a relevância na manutenção do equilíbrio físico e emocional do trabalhador, a fim de lhe aumentar a capacidade de concentração e diminuir o risco dele se envolver em possíveis acidentes de trabalho.

Com efeito, a problemática alimentar e nutricional é de responsabilidade da sociedade e não somente de cada cidadão. Tanto é que o Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT), criado pelo Ministério do Trabalho e Emprego, tem como objetivos melhorar as condições nutricionais do trabalhador, diminuir os acidentes de trabalho e aumentar a produtividade. Diante disso, faz-se mister desenvolver um trabalho voltado à segurança alimentar com participação do Estado, das instituições e dos trabalhadores.

Percebe-se que há ainda muitas ações a serem feitas, principalmente no âmbito governamental, visando à minimização do viés apresentado nos casos em que é aplicada a legislação trabalhista que diz respeito aos acidentes de percurso entre o trabalho e a faculdade, com foco, especificamente, na enfermagem. Possivelmente o estudante-trabalhador de enfermagem está mais exposto aos riscos de acidente devido ao desgaste físico e emocional a que é submetido pela exaustiva jornada, tornando-se, em casos de acidentes de percurso, o maior prejudicado por não estar amparado pela legislação trabalhista.

Ainda há o fato de inexistir uma lei ou estatuto no Brasil que garanta a flexibilidade de horário para que o trabalhador possa chegar à faculdade de forma pontual e tranquila, diminuindo, assim, os riscos ocupacionais. A discussão acerca do risco, principalmente de acidente de percurso a que o

estudante-trabalhador está exposto, aponta a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada para que se conheça o panorama desta situação.

Acredita-se que compreender a realidade do aluno de enfermagem que acumula estudo e trabalho possa vir subsidiar melhorias no processo de ensino-aprendizagem. É preciso também acrescentar nas instituições privadas a possibilidade de participação mais ativa (estudantes e trabalhadores) no processo de ensino-aprendizagem, especificamente no da prevenção de acidentes ocupacionais por meio da disciplina “Saúde do Trabalhador”, que deveria compor a grade curricular de ensino, buscando instrumentalizar os estudantes-trabalhadores com saberes que, postos em prática, lhes assegurem efetivamente prevenção, proteção e segurança.

REFERÊNCIAS

- AVANCINI, Marta. Escolaridade influencia a capacidade de pensamento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 abr. 1999. p.3.
- BARBOZA, Juliana Inhauser Riceti Acioli; BERESIN, Ruth. A síndrome de burnout em graduandos de enfermagem. **Einstein**, v.5, n.3, p.225-230, 2007.
- BRASIL. Ministério da Previdência Social. **Lei Federal n. 8.213**, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Brasília: INSS, 1991.
- _____. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior**. Brasília: INEP, 2008.
- COSTA, Maria Lucia Alves de Sousa. **Ser enfermeiro tendo sido estudante-trabalhador de enfermagem**: um enfoque da fenomenologia social. 2001. 165f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- DIMENSTEIN, Gilberto. Ensino superior cresce sem controle no país. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 abr. 1999. p.4.
- EUCLIDES, Edivaldo F. *et al.* Identificação da ocorrência de estresse crônico em estudantes de enfermagem da faculdade integrado Inesul. **Revista Eletrônica Saber**, v.9, n.1, p.8-21, jul.-set. 2010.
- FERREIRA, M. M. C. Alguns factores que influenciam a aprendizagem do estudante de enfermagem. **Millenium - Revistado ISPV**, n. 31, p. 150-173, 2005. Disponível em: < <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium31/11.pdf> >. Acesso em: 05dez. 2011.
- HAAG, Guadalupe Scarparo. **Alunos-trabalhadores em enfermagem**: qualidade de vida e desempenho acadêmico. 2004. 129f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2004.
- HORTA, Ana Lúcia de Moraes; BONILHA, Ana Lúcia de Lourenzi; RIBEIRO, Moneda Oliveira. Características e aspirações do atual graduando de enfermagem: comparação entre duas instituições de ensino. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.22, n.3, p.323-337, 1988.
- IGLESIAS, Rosana Battagini. **Qualidade de vida de alunos-trabalhadores que cursam a graduação em enfermagem**. 2002. 97f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- KAWAKAME, Patrícia Moita Garcia; MIYADAHIRA, Ana Maria Kazue. Qualidade de vida de estudantes de graduação em enfermagem. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.39, n.2, p.164-172, 2005.
- LIMA, Amanda Araújo *et al.* Acidentes ocupacionais: conhecimento, atitudes e experiências de estudantes de odontologia da Universidade Federal da Paraíba. **Pesquisa Brasileira de Odontopediatria Clínica Integrada**, v.8, n.3, p.327-332, set.-dez. 2008.

MAGALHÃES, Lilia Bueno; CARZINO, Eliana Portella. O perfil dos alunos da primeira turma de enfermagem da Universidade Tuiuti do Paraná. **Tuiuti: Ciência e Cultura**, Curitiba, n.26, p.109-122, jan. 2002.

MAGALHÃES, M. G. M. *et al.* Saúde e Alimentação: uma relação importante na promoção de hábitos saudáveis - implicações para os cuidados fundamentais de enfermagem. In: PESQUISANDO EM ENFERMAGEM, 14., 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

MENDES, L. D. J. *et al.* A necessidade alimentar de profissionais da enfermagem que trabalham no período noturno. 2008. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 12., / ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 8., 2008, São José dos Campos. **Anais...** São José dos Campos: UNIVAP, 2008.

MIRANDA, Jedral Galvão. **Direito da Seguridade Social**: direito previdenciário, infortúnica, assistência social e saúde. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

NAKAMAE, Djair Daniel. Mudanças no perfil do estudante da EEUSP em quinze anos: 1973 a 1988. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, v.26, n.1, p.9-16, 1992.

_____ *et al.* Caracterização socioeconômica e educacional do estudante de enfermagem nas escolas de Minas Gerais. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, v.31, n.1, p.109-118, 1997.

NUNES, Zigmar Borges *et al.* Prisioneiro do serviço e da faculdade: o modo de vida do estudante de Enfermagem trabalhador da Enfermagem. *Revista do Centro Universitário Barão de Mauá*, v.1, n.2, p.1-10, 2001.

PIZÃO, Marja Fernandes; MARTINO, Milva Maria Figueiredo. Estudo do sono em estudantes universitários de enfermagem. 2005. In: CONGRESSO INTERNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, 13., ginásio multidisciplinar da UNICAMP, set. 2005, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2005.

PORTUGAL. **Lei n. 116**, de 4 de novembro de 1997, com as alterações introduzidas pela Lei n. 118, de 11 de agosto de 1999. Estabelece o Estatuto do Trabalhador-Estudante. Decreto art. 164, alínea d, 168, n.1, alínea b, e 169, n.3, Constituição de Portugal.

SANTOS, Márcia Elena Andrade *et al.* Trabalho precoce e acidentes ocupacionais na adolescência. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.13, n.4, p.824-832, out.-dez. 2009.

SHIMIZU, Helena Eri; RIBEIRO, Emílio José Gonçalves. Ocorrência de acidente de trabalho por materiais perfurocortantes e fluidos biológicos em estudantes e trabalhadores da saúde de um hospital escola de Brasília. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.36, n.4, p.367-75, 2002.